

OS HIERÓGLIFOS: A ESCRITA DA VIDA

Rogério Sousa

Universidade do Porto CITCEM

Há cerca de cinco mil anos os habitantes do vale do Nilo criavam um dos primeiros e mais antigos sistemas de escrita concebidos pela humanidade. A ideia para a criação de uma escrita talvez tenha resultado dos contactos que então se estabeleceram com os Sumérios, que navegaram até ao Egípto através do Mar Vermelho, encetando com as comunidades locais uma interacção aparentemente pacífica e deveras profícua nos dois sentidos. No entanto, a influência suméria, se existiu, ficou-se por aí. O sistema hieroglífico evoluiu de forma totalmente independente e enraizou-se profundamente na língua e na mundividência das comunidades nilóticas que, já nestes tempos remotos, seriam constituídas por populações camito-semitas, ou seja, por elementos a um tempo africanos e asiáticos, reflectindo, desde tempos imemoriais, a predisposição do território egípcio para actuar como plataforma giratória intercontinental.

O sistema de signos criado para expressar esta língua foi designado pelos Gregos de «hieroglífico», ou seja, uma escrita constituída por «signos sagrados». A *interpretatio graeca* em nada deturpava a visão egípcia sobre o seu próprio sistema de escrita mais antigo.² Os hieróglifos eram designados, em egípcio, *medu netjer*, as «palavras divinas» e estavam, por isso, fortemente eivados de representações do sagrado.

² Outros sistemas de escrita foram-se constituindo ao longo do tempo no antigo Egípto. A escrita hieroglífica era usada preferencialmente em suportes monumentais. Era este sistema de escrita que era usado na inscrição das grandes estelas funerárias ou templárias, na decoração dos templos e das estátuas. A própria escrita hieroglífica conheceu uma versão cursiva, mais adaptada à edição de obras mais extensas. A escrita hierática era usada na administração. Mais tarde, já na Época Greco-Romana, a escrita demótica acabou por se implantar.



FIG. 1

Lista de signos de Alan Gardiner: Aves

A escrita e a língua de um povo reflectem eloquentemente o seu pensamento e o seu sistema de valores. O sistema hieroglífico é, a este respeito, uma fonte inesgotável de ensinamentos e revela-nos a importância da vida – em todas as suas formas e manifestações – na mundividência egípcia. O sistema hieroglífico recorria afinal a signos que evocavam determinadas facetas da vida nilótica. Tal como a Tabela Periódica dos químicos, a lista de signos hieroglíficos elencada por Sir Alan Gardiner proporciona ao egiptólogo contemporâneo um observatório inigualável sobre a vida nilótica. Neles vemos desfilar ante os nossos olhos a diversidade de animais (desde a elegante ave pernalta ao escaravelho), de plantas (onde se incluem as plantas heráldicas como o junco e o papiro – que se transformaria num dos mais importantes suportes da escrita até à invenção do papel – símbolos do Alto e do Baixo Egipto, respectivamente) e os próprios elementos do cosmos nilótico como o sinuoso recorte das montanhas, o sol, as estrelas e a água do Nilo. E claro a vida dos homens, desde logo centrada no seu corpo, mas também ele parte de um corpo mais vasto que é social e onde cada um se integrava com diferentes responsabilidades e deveres. É deste domínio que emanam as incontáveis evocações relacionadas com os ofícios: desde logo os instrumentos de

escrita, passando pelas alfaias agrícolas e pelas obras artesanais. Tudo o que existe encontrava o seu lugar na escrita hieroglífica.

É certo: a escrita hieroglífica imitava a vida e era esta característica que estava na origem do seu forte valor simbólico. No entanto, o inverso também era verdadeiro: uma vez estabelecida, a escrita hieroglífica passou a determinar e a influenciar o cosmos nilótico. E não estamos apenas a falar do tremendo impacto que a definição do código hieroglífico teve na consolidação da administração real e na afirmação do poder faraónico. O aparecimento da escrita hieroglífica marca literalmente o nascimento da História e da civilização no vale do Nilo.

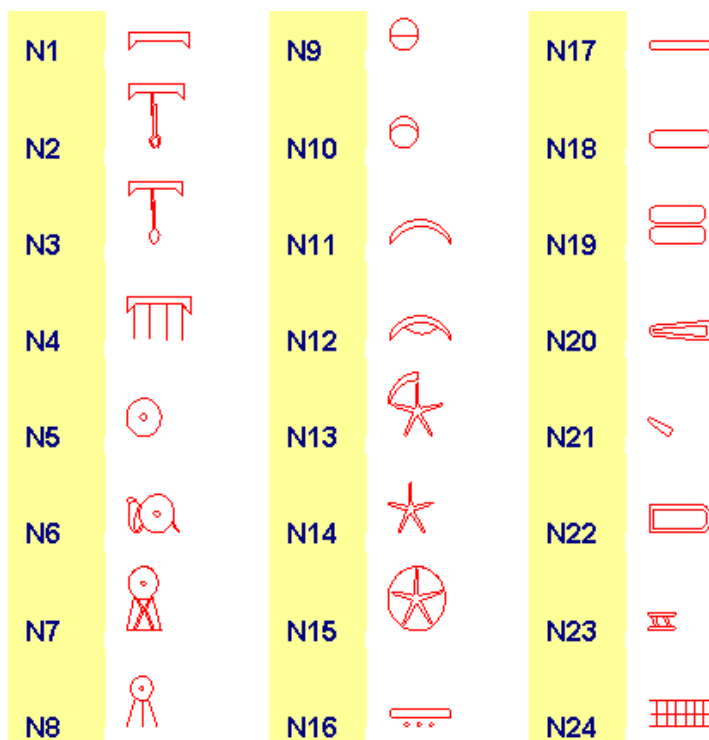


FIG. 2

Lista de signos de Alan Gardiner: Elementos cósmicos

Os signos hieroglíficos formataram o real de uma forma bem mais tangível e concreta: uma vez constituído, este sistema constituía o paradigma para a construção do real. Os templos, com as suas estátuas, pórticos e obeliscos, no fundo apresentavam em três dimensões os mesmos signos que eram usados num texto sagrado e podiam ser vistos afinal como um livro arquitectónico, povoado por signos e pronto a ser «lido».

Os signos hieroglíficos eram também a principal inspiração para a confecção de amuletos. Quase todas as colecções museológicas são abundantes nestes pequenos objectos. O núcleo egípcio da Universidade do Porto apresenta uma colecção de amuletos constituída por alguns dos mais ilustrativos destes objectos apotropaicos: o escaravelho, o olho de Hórus, o coração, o pilar *djed*, entre outros. Todos eles constituem signos hieroglíficos com um significado preciso: o escaravelho significa *kheper* («transformar», «manifestar», «vir à existência»), o olho *udjat* («redenção», «cura»), o coração *ib* («consciência»), o pilar *djed* («estabilidade»), entre outros.

Estes objectos eram confeccionados especificamente com o intuito de canalizar para os portadores dos amuletos, o poder mágico contido no signo representado. Ao usá-los, o portador revestia-se de hieróglifos e fortificava-se com o poder mágico «palavras divinas».

A «palavra divina», o hieróglifo, era afinal o obreiro da criação e, sobretudo na cosmogonia menfita, era considerado o intermediário entre a mente do criador e o mundo criado. Esta noção «hieroglífica» da criação deixou uma marca profunda na cultura e na civilização egípcia. Nesta perspectiva, cada criatura viva era vista como um «hieróglifo», ou seja, a materialização de uma ideia divina. Tendo distribuído hieróglifos vivos pela natureza, o deus criador que era cultuado em Mênfis, Ptah, escreveu o «livro» da natureza onde estava encerrado o seu «plano». Assim, ao olhar para a natureza e ao observar a vida, o homem podia decifrar o código usado por deus para redigir o grande texto vivo da criação e aceder às ideias puras que emanaram directamente da sua consciência. Uma das mais decisivas consequências daquela noção consiste pois na concepção da criação como um texto vivo escrito pelo criador, um texto que incluía todos os elementos naturais, as plantas, os animais e os homens.

De um modo semelhante, ao escrever, o homem imitava o gesto criador de deus, espalhando os hieróglifos pelo papiro, pelas superfícies de pedra, ou até pela paisagem. Ao confeccionar uma estátua ou um vaso, o artesão não estava apenas a criar uma «obra de arte» ou um artefacto: na

realidade estava a redigir, em três dimensões, os mesmos hieróglifos que o escriba desenhava sobre o papiro. Na perspectiva egípcia, toda a obra humana, mesmo a mais simples, produzia hieróglifos que davam permanência e continuidade à obra fundada pelo criador. É notório, portanto, que Ptah atribuiu ao homem a responsabilidade de cuidar da criação, o que consiste precisamente numa das suas originalidades pois reconhece a importância do comportamento e do trabalho do homem, através do qual o criador continuava a completar a criação e a agir sobre ela, o que naturalmente deve ser entendido como uma forma de manter o criador em constante interacção com o mundo, já que o comportamento social, os ofícios e todas as actividades humanas se inseriam no seu grande plano divino. Por outro lado, a marca do criador nas obras humanas devia-se ao poder, exclusivo dos homens, de criar representações, ou seja, de criar manifestações materiais de ideias abstractas. Dito de outro modo, quando um escultor trabalhava a pedra «imprimia» na matéria bruta a ideia patente na sua mente. Um bloco de pedra transforma-se então sob a acção da mente de quem o trabalhou, passando assim a constituir uma representação e a corporizar uma ideia, ou seja, tornava-se num «hieróglifo».

Esta concepção da escrita e do mundo ligava indissociavelmente todos os seres – humanos, animais e plantas – e até todos os trabalhos e ofícios numa unidade inquebrantável. Todos afinal se integravam como signos que expressavam ideias divinas concebidas originalmente no coração do deus primordial.

A concepção hieroglífica do mundo levava assim cada um a encetar um trabalho de decifração da sua própria vida de modo a encontrar o seu lugar no grande texto vivo do criador. Texto esse sempre em aberto.

Bibliografia

ANDREWS, C. (1998). *Amulets of Ancient Egypt*. University of Texas Press.

ARAÚJO, L. (2011). *A Coleção Egípcia do Museu de História Natural da Universidade do Porto*. Porto: Universidade do Porto.

ASSMANN, J. (2002). *The Mind of Egypt: History and meaning in the time of the Pharaohs*. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press.

GARDINER, A. (1994). *Egyptian Grammar. Being an Introduction to the Study of Hieroglyphs*. Oxford: Griffith Institute, Ashmolean Museum.

SOUSA, R. (2011). *O Livro das Origens: A inscrição teológica da Pedra de Chabaka*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

SOUSA, R. (2011). *The Heart of Wisdom: Studies on the Heart Amulet in Ancient Egypt*. Oxford: British Archaeological Reports.

WILKINSON, R. (1992). *Reading Egyptian Art*. London: Thames and Hudson.